

SILVA, W. M. Estratégias de aprendizagem de línguas estrangeiras – um caminho em direção à autonomia. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS – UM CAMINHO EM DIREÇÃO À AUTONOMIA

Walkyria Magno e SILVA (Universidade Federal do Pará)

ABSTRACT: *This paper investigates the use of learning strategies by tutors, competent students and not so competent students involved in a research project. They wrote narratives of how they learned English, and the strategies reported were tabulated. Evidence shows the importance of the use of strategies, which points to a need of explicit teaching and discussing them in foreign language classes.*

KEYWORDS: *learning strategies; autonomy; narratives, EFL.*

0. Introdução

Parece banal dizer que aprender uma língua estrangeira é uma tarefa para a vida toda, mas esta afirmação assume contornos cada vez mais verdadeiros. Faz parte do dia a dia de qualquer falante de língua estrangeira implementar estratégias que o façam aprender e depois manter o processo de aprendizagem, sendo que sempre novas dimensões vão sendo adicionadas ao domínio da língua alvo.

Para alunos de cursos regulares de línguas, algumas das estratégias de aprendizagem de línguas são cobradas naturalmente através dos exercícios presentes nos manuais de ensino e também por meio das atividades executadas em sala de aula. Estas ações, no entanto, raramente mostram-se suficientes. Os falantes proficientes em uma língua estrangeira geralmente percorrem um caminho que vai além do que é indicado ou exigido em um curso de línguas, utilizando-se intuitivamente de outras estratégias para aprender mais e melhor.

Neste estudo, iremos demonstrar como a utilização de várias ordens de estratégias distribui-se de maneira diferenciada em três grupos de falantes de inglês como língua estrangeira de diversos níveis de proficiência. Pretendemos demonstrar a validade do ensino explícito de estratégias, uma vez que sua utilização parece ser de fundamental importância no domínio da língua estrangeira em foco.

SILVA, W. M. Estratégias de aprendizagem de línguas estrangeiras – um caminho em direção à autonomia. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

1. Fundamentação teórica

São vários os teóricos do aprendizado de línguas estrangeiras que se debruçam sobre o estudo de estratégias de aprendizagem (Rubin, 1975; Mayer, 1988; Cohen, 1990; O'Malley e Chamot, 1990; Oxford, 1990). O elevado número de pesquisadores que se preocupam em desvendar a utilização das estratégias de aprendizagem é um dos fatores que demonstram a sua importância. Embora as diferenças entre os estudiosos existam, há um certo consenso de que as estratégias são passos tomados pelos aprendentes, consciente ou inconscientemente, para potencializarem seu aprendizado, melhorando a sua competência comunicativa.

Neste trabalho, ater-nos-emos aos estudos de Oxford (1990), que tem trilhado um caminho profícuo e recompensador neste campo. A autora define estratégias de aprendizagem como

...specific actions taken by the learner to make learning easier, faster, more enjoyable, more self-directed, more effective, and more transferrable to new situations. (1990:8).

Oxford caracteriza as estratégias de aprendizagem como instrumentos que permitem um melhor autodirecionamento ao aprendente, uma vez que são geralmente usadas para resolver um problema a ser solucionado e são centradas no “como fazer” e não no “o que fazer”. As estratégias, segundo essa autora, são geralmente conscientes, são flexíveis, mas nem sempre observáveis. Oxford propõe que elas podem ser ensinadas e praticadas no dia-a-dia da sala de aula.

Oxford divide as estratégias em dois grandes grupos: diretas - aquelas envolvidas diretamente no aprendizado da língua - e indiretas - aquelas que ajudam a levar em frente o processo de aprendizagem. Cada um desses grupos é subdividido em três outros grupos. A taxonomia de Oxford inclui entre as estratégias diretas as de memória, as cognitivas e as de compensação. Entre as estratégias indiretas estão as metacognitivas, as afetivas e as sociais. Oxford exemplifica com ações específicas cada um destes grupos de estratégias, afirmando que sua lista é apenas sugestiva, e não exaustiva. Além disso, a autora reitera que todas são importantes para o aprendizado, atuando, na maioria das vezes, de forma interdependente, como suporte mútuo. Em uma feliz metáfora do teatro, Oxford explica a inter-relação entre as estratégias da seguinte forma:

The first major class, direct strategies for dealing with the new language, is like the Performer in a stage play, working with the language itself in a variety of specific tasks and situations. The direct class is composed of

SILVA, W. M. Estratégias de aprendizagem de línguas estrangeiras – um caminho em direção à autonomia. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

memory strategies for remembering and retrieving new information, cognitive strategies for understanding and producing the language, and compensation strategies for using the language despite knowledge gaps. The Performer works closely with the Director for the best possible outcome.

The second major strategy class – indirect strategies for general management of learning – can be likened to the Director of the play. This class is made up of metacognitive strategies for coordinating the learning process, affective strategies for regulating emotions, and social strategies for learning with others. The Director serves a host of functions, like focusing, organizing, guiding, checking, correcting, coaching, encouraging, and cheering the Performer, as well as ensuring that the Performer works cooperatively with other actors in the play. The Director is an internal guide and support to the Performer. The functions of both the Director and the Performer become part of the learner, as he or she accepts increased responsibility for learning. (Oxford, 1990:15, 16)

Conforme visto na citação acima, as estratégias são utilizadas em conjunto de maneira que uma atua ao mesmo tempo como suporte e como catalisadora de outras. Sua separação em tipos pode, no entanto, facilitar o estudo e sistematizar seu ensino por meio da demonstração clara de como elas podem aparecer no processo de aprendizagem de línguas. Neste trabalho iremos demonstrar sua ocorrência nas narrativas reportadas por três grupos de sujeitos, como veremos mais adiante.

2. Metodologia

O projeto de ensino e pesquisa intitulado Caminhos da Autonomia no Aprendizado de Línguas Estrangeiras, desenvolvido com alunos do Curso de Letras na Universidade Federal do Pará tem como objetivo a melhoria da apropriação da língua estrangeira estudada. São vários os instrumentos utilizados no projeto para o estudo individualizado das dificuldades apresentadas pelos alunos, sendo que um deles é uma narrativa pessoal que cada sujeito escreve sobre como aprende a língua estrangeira alvo.

Para este estudo, levantamos as estratégias de aprendizagem mencionadas em nove narrativas assim distribuídas: três de professores tutores do projeto, três de alunos proficientes que aprendem inglês apenas na UFPA, e três de alunos com dificuldades em seguir normalmente o curso e atualmente sendo acompanhados no projeto de pesquisa anteriormente mencionado. As estratégias manifestadas nas narrativas

foram classificadas de acordo com Oxford (1990). Os resultados foram sistematizados e serão mostrados na próxima seção.

3. Apresentação e discussão dos dados

Entendemos que nem todas as estratégias utilizadas pelos narradores foram mencionadas, mas tendo todos eles recebido as mesmas instruções para redigir seus relatos, supomos que tenham incluído aquelas estratégias que julgaram as mais significativas para seu aprendizado. Ao ler as narrativas podemos verificar que os aprendentes ainda iniciantes geralmente escrevem relatos breves e sem um grau de reflexão muito aprofundado. Já os falantes mais proficientes, com uma experiência maior no aprendizado da língua estrangeira, produzem relatos muito mais ricos e reflexivos. Podemos aventar que a história pessoal do aprendizado da língua estrangeira se faz no exercício do próprio aprender e que aprendentes ainda no início de “carreira” apresentam grande dificuldade em refletir sobre seu próprio aprendizado.¹¹

Para melhor sistematizar nossas reflexões sobre os dados levantados, iremos dividir a discussão entre os dois grandes grupos de estratégias, segundo Oxford: as indiretas e as diretas.

Começamos discutindo as estratégias indiretas, pois foram estas mencionadas mais que o dobro de vezes (114) do que as diretas (54).²ⁱⁱ Essa proporção manteve-se nos três grupos de sujeitos investigados. As estratégias indiretas, ou seja, refletir e pensar sobre o próprio aprendizado, parecem ser fundamentais para o sucesso do aprendizado.

Dentre as estratégias indiretas, há aquelas que aparecem mencionadas nos três grupos investigados. Nesta categoria podemos citar a estratégia metacognitiva de organizar e planejar o aprendizado, realizada através da busca de oportunidades para praticar (exemplo 1, abaixo). Esta estratégia engloba as inúmeras possibilidades de os aprendentes ativamente procurarem ocasiões de praticar a língua alvo e não apenas esperarem que estas ocasiões lhes sejam fornecidas. Os três grupos citam também as estratégias afetivas, realizadas através da redução da ansiedade por meio da escuta de músicas em inglês. Os três grupos investigados utilizam ainda a estratégia afetiva de arriscar-se com inteligência, ou seja, eles procuram utilizar a língua estrangeira, mas sem perder a face (exemplo 2, abaixo). Dentre as estratégias sociais, os três grupos utilizam-se de perguntas pedindo esclarecimentos ou verificações e cooperam com falantes proficientes. Vejamos alguns exemplos:

SILVA, W. M. Estratégias de aprendizagem de línguas estrangeiras – um caminho em direção à autonomia. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

- (1) Eu ia aos Correios e ficava atenta, procurando por estrangeiros em apuros com o sistema brasileiro. Caso visse algum, imediatamente eu me acercava e largava “May I help you?” Depois de resolvido o impasse, sempre sobrava uma palavrinha ou outra para eu praticar uma conversação.
- (2) Ainda não me adaptei com a estrutura das frases em inglês, mas mesmo assim eu me atrevo a escrever sozinha os meus e-mails para meus amigos virtuais e eles me compreendem.

Em nossa análise detectamos alguns grupos de estratégias indiretas que são utilizados apenas pelos professores e alunos proficientes, e que não aparecem nas narrativas dos alunos com dificuldades de aprendizagem. As estratégias metacognitivas que não foram mencionadas pelos alunos com dificuldades são: aprender sobre o aprendizado da língua (exemplo 3), estabelecer objetivos (exemplos 4 e 5) e, finalmente, avaliar o aprendizado (exemplos 6, 7 e 8).

- (3) Desenvolvi um grande interesse pela aprendizagem de línguas, especialmente o desempenho oral.
- (4) Ao estudar as chamadas Línguas I, II e III da habilitação em inglês, decidi que aprenderia a língua e seria proficiente nela. Decidi também que seria um professor de inglês. Quando vi a proficiência de muitos, achei que não atingiria um padrão mais elevado. No entanto, estabeleci um alvo pessoal: comunicar bem em inglês.
- (5) Eu me preocupava em ter uma pronúncia excelente. Resolvi fazer o curso preparatório para o Michigan.
- (6) Conscientizei-me de que se quisesse aprender inglês de verdade, não bastaria ir às aulas, cantar as canções e falar abobrinhas com turistas. Eu teria que realmente estudar.
- (7) Como comecei a estudar sozinho e não havia o outro para interagir e avaliar meu desempenho, estabelecia metas para que eu me avaliasse (por um bom tempo eu contei quantas palavras eu tinha em meu vocabulário).
- (8) Passei a me observar e me policiar em sala de aula em relação às minhas atitudes. Percebo que cada vez mais estou aprendendo melhor e acho que as minhas dúvidas e questionamentos me ajudaram a chegar até onde cheguei.

A estratégia de aprender sobre o aprendizado de línguas (exemplo 3) é especialmente apropriada no contexto dos sujeitos deste estudo, uma vez que são alunos de Letras. Ademais, o aprender como aprender deve ser tornado explícito neste e em outros contextos, pois a metalinguagem pode, em certas ocasiões, através da comparação entre língua materna e língua alvo, atuar como mais uma ferramenta de ensino. Os exemplos 4, 5 e 6 mencionam a estratégia de estabelecimento de objetivos claros para alimentar a motivação de aprender a língua estrangeira. Esta estratégia foi ignorada pelos alunos que estão sendo orientados no projeto de pesquisa e, portanto, aponta um rumo a ser cuidadosamente trabalhado com esses alunos. Como podemos ver nos exemplos 6 a 8 acima, a auto-avaliação e o auto-monitoramento são estratégias muito importantes na progressão do aprendizado, pois nem sempre o professor está disponível para acompanhar o aluno individualmente. O grupo menos proficiente não emprega estas estratégias e talvez resida aí um espaço para o seu ensino e treinamento explícito, visando um melhor aproveitamento dos estudos.

Um último aspecto nos chamou a atenção na comparação da utilização das estratégias indiretas pelos três grupos: a estratégia afetiva de encorajar-se por meio do uso de afirmações positivas foi mencionado 5 vezes pelo grupo de alunos não proficientes (exemplos 9 e 10 abaixo) enquanto que apenas um dos outros dois grupos a mencionou uma única vez.

- (9) O meu aprendizado autônomo da língua inglesa nesse semestre está sendo o mais produtivo desde que eu comecei a estudá-la na universidade.
- (10) Confesso que a cada nova descoberta, a cada novo exercício, surpreendo-me com o que aprendi. De repente passa em meu pensamento: “Nossa, que evolução!”

Ao ler esses comentários, precisamos nos conscientizar da importância que aprendentes iniciantes dão ao encorajamento, mesmo pelos pequenos progressos. Posteriormente, estes elogios perdem, em parte, sua razão de ser, uma vez que a auto-estima já estará mais elevada.

Estas foram as reflexões suscitadas com relação às estratégias indiretas, ou seja, aquelas que nos ajudam a planejar, gerir e monitorar o aprendizado de uma língua estrangeira. Passemos agora à apresentação e discussão dos dados referentes às estratégias diretas.

A única estratégia direta mencionada pelos três grupos foi praticar sons e sistemas de escrita. Essa estratégia é frequentemente praticada em exercícios ou atividades tradicionais no ensino de línguas estrangeiras. Os grupos dos professores tutores e dos alunos proficientes mencionaram também com uma certa frequência as estratégias de memória, tais como a utilização de imagens e a revisão periódica dos conteúdos.

Chamou nossa atenção a pouca variedade das estratégias diretas utilizadas. Parece-nos que os aprendentes ficam muito restritos às estratégias tradicionais e ignoram a variedade de ações que podem ser tomadas para colocar em prática o uso da língua. Algumas das estratégias diretas que não foram mencionadas nas narrativas deste estudo ou o foram uma única vez são: criar associações mentais, representar sons na memória, reconhecer e utilizar formas padrão e deduzir sentidos. A esse respeito, podemos lançar duas hipóteses: ou os aprendentes as utilizam e não se conscientizam disso ou não utilizam a variedade disponível de estratégias diretas de aprendizagem. Neste último caso, precisam ser treinados a fazê-lo ou estarão desperdiçando inúmeras oportunidades de acelerar seu aprendizado e ascender a novos patamares de estudo.

As estratégias de compensação foram mencionadas apenas duas vezes na totalidade dos grupos de sujeitos. Estratégias de compensação são utilizadas frequentemente em língua materna para compensar conhecimento ausente por meio de sinônimos ou explicações, inferir utilizando índices contextuais e conhecimento prévio. Ensinar os alunos a lançar mão deste tipo de estratégias pode ser um passo importante para a proficiência na língua estrangeira, pois o aprendente poderá se comunicar satisfatoriamente, mesmo apresentando falhas típicas de seu nível de conhecimento.

4. Considerações finais

Neste breve estudo, apresentamos algumas constatações que fizemos ao analisar nove narrativas de três grupos de sujeitos. Reconhecemos que a amostragem é reduzida, mas mesmo assim a análise dos dados evidencia dois aspectos que podem ser levados em conta no ensino das estratégias de aprendizagem.

Com relação às estratégias diretas sugerimos uma breve explicação sobre a importância de se saber gerir o aprendizado. Como vimos na análise dos dados levantados, o fato de estabelecer objetivos claros é de fundamental importância para o avanço do conhecimento, sejam estes objetivos de curto ou longo prazo, restritos ou de abrangência

mais ampla. Uma vez estabelecidos os objetivos, entram em jogo as estratégias de auto-avaliação e auto-monitoramento, como evidenciamos através dos exemplos retirados das narrativas. Com monitoramento constante o aluno avançará rapidamente e saberá medir seu aprendizado.

Com relação às estratégias diretas, vimos nas narrativas uma extrema redução de sua utilização, pois são relatadas apenas aquelas habitualmente cobradas nos livros texto. Sugerimos aqui que os professores de línguas exerçam um papel não só de ensinar a língua, como também de expor aos alunos as diferentes maneiras pelas quais podem aprende-la. Cabe ao professor, a nosso ver, a tarefa de ensinar a aprender fazendo com que os alunos saibam quais as estratégias que eles têm acesso para potencializar o seu aprendizado.

Concluimos reafirmando que o ensino explícito de estratégias de aprendizagem deve ser incentivado em sala de aula. A idéia de que isso seja de difícil implementação e que consome tempo de aula excessivo é um mito porque os resultados da aprendizagem baseados no auto-conhecimento podem ir muito além daquele que ocorre sem a ajuda desses instrumentos.

NOTAS

¹ Indicamos que esta reflexão foi feita em conjunto com Vera Menezes Paiva, que também encontrou este tipo de constatação.

² Ana Carolina Costa (2005), pesquisando um número maior de sujeitos, chegou à mesma conclusão: as estratégias indiretas são mais explicitamente mencionadas em narrativas do que as diretas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COHEN, A.D. *Strategies in learning and using a second language*. London: Longman, 1998.

COSTA, A.C. *Language learning strategies: a way to autonomy*. 2005. 51f. Trabalho de conclusão de curso apresentado no Curso de Letras da UFPA.

MAYER, R. Learning strategies: an overview. In: WEINSTEIN, C; GOETZ, E; ALEXANDER, P. (org.) *Learning and study strategies: issues in assessment, instruction, and evaluation*. New York: Academic Press, 1988.

O'MALEY, J.M. & CHAMOT, A.U. *Learning strategies in second language acquisition*. Cambridge: Cambridge U. Press, 1990.

SILVA, W. M. Estratégias de aprendizagem de línguas estrangeiras – um caminho em direção à autonomia. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

OXFORD, R. *Language Learning Strategies. What every teacher should know*. Boston: Heinle & Heinle, 1990.

_____. *Front Page Dialogue*. <http://www.education.umd.edu/EDCI/SecondLangEd/TESOL/People/Faculty/Dr.%20Oxford/RebeccaOxford.htm>. Acesso em 28/05/2005.

RUBIN, J. What the “good language learner” can teach us. *TESOL Quarterly*, 9, 1975.p.41-51.